

VISÃO DO CORREIO

Reforma deve buscar a justiça para todos

A discussão sobre a reforma do Judiciário voltou ao centro da agenda nacional em meio a uma crise de imagem do Supremo Tribunal Federal (STF) que combina desgaste político, suspeitas de conflitos de interesse e pressões externas. Nesse contexto, as propostas do ministro Flávio Dino, a iniciativa do presidente da Corte, Edson Fachin, de criar um código de ética, e a mobilização da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) apontam para um consenso inicial: o sistema precisa mudar. A divergência está no ritmo, no alcance e, sobretudo, no método dessas mudanças.

Não se discute uma reforma com o fígado, ainda mais dessa envergadura. As críticas contra distorções, desvios e abusos no Poder Judiciário são pertinentes, desde que venham com o intuito de aprimorar esse pilar do Estado Democrático de Direito. Episódios como os atos de 8 de Janeiro comprovam que ataques generalizados, com objetivos eleitorais, provocam gravíssimos danos institucionais. Erros individuais podem ser corrigidos, mas demonizar uma instituição é irresponsabilidade. Equivale a fechar o Congresso ou a um golpe de Estado para destituir um presidente da República. Reformas vêm com diálogo e negociação, não com pedras e tiros.

A proposta de Dino tem o mérito de enfrentar problemas reais e estruturais. Ao tratar de temas como excesso de litigiosidade, morosidade processual, distorções remuneratórias e corrupção sistêmica, o ministro desloca o debate do terreno retórico para o campo institucional. Seus eixos — que incluem revisão de competências, endurecimento de regras disciplinares, limites ao uso de inteligência artificial e combate à indústria de recursos — dialogam com diagnósticos amplamente conhecidos, como o congestionamento de processos e a baixa efetividade das execuções fiscais. Ao mesmo tempo, sua ênfase no fortalecimento do sistema de Justiça, e não na sua contenção, revela uma leitura segundo a qual o problema não é excesso

de poder, mas deficiência de funcionamento.

Já a proposta de Fachin responde à urgência da crise reputacional. Trata-se de uma medida de implementação mais rápida, voltada a estabelecer padrões de conduta, transparência e prevenção de conflitos de interesse no topo da hierarquia judicial. Num momento em que episódios como o caso do Banco Master atingiram ministros e expuseram fragilidades institucionais, a sinalização ética não é apenas simbólica, mas uma necessidade para resgatar a confiança pública.

A OAB, por sua vez, tem um papel estratégico nesse debate. Ao defender mandatos para ministros do STF, limitação de decisões monocráticas e regras mais claras sobre atuação de parentes na advocacia, a entidade amplia o escopo da discussão e introduz temas sensíveis, que tocam diretamente na arquitetura do poder judicial. Ao mesmo tempo, com razão, prega a necessidade de participação social, sob o argumento de que qualquer reforma sem a advocacia carece de legitimidade.

O problema é que, entre o diagnóstico e a implementação, há um obstáculo conhecido: o corporativismo. A experiência recente com a tentativa de conter supersalários e “penduricalhos” ilustra a dificuldade de avançar em temas que afetam diretamente interesses estabelecidos. Há ainda um risco adicional: o de que a reforma seja capturada por agendas de ocasião. Em um ambiente polarizado, propostas legítimas podem ser instrumentalizadas como mecanismos de retaliação contra decisões judiciais ou como plataformas de mobilização política.

Nesse cenário, a ideia de “autocontenção” como solução não pode ser tratada como panaceia. Reduzir o papel do Judiciário sem enfrentar suas disfunções estruturais seria trocar um problema por outro. Há um duplo desafio: aumentar a eficiência, a transparência e a integridade do sistema de Justiça e preservar a independência e o papel constitucional do Judiciário. Não se pode jogar a criança fora com a água da bacia. Seu objetivo deve ser a justiça para todos.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Gilmar Mendes

Concordo com o ministro Gilmar Mendes, que, em entrevista ao **Correio** na edição de 24 de abril, declarou que “O Master mora na Faria Lima”. O erudito ministro esqueceu, entretanto, de completar a sentença, observando que os seus tentáculos cefalópodes alcançaram todo o país, de norte a sul e de leste a oeste. Inclusive a Praça dos Três Poderes, se nos louvamos nas investigações da Polícia Federal.

» **Joares Antônio Caovilla**

Asa Norte

Os donos do poder

O advogado e jurista Raimundo Faoro escreveu, na década de 1950, um dos clássicos da cultura política brasileira, o livro *Os donos do poder*. Nele, Faoro faz uma retrospectiva da história política do país da colonização portuguesa até a Revolução de 30, apontando os “donos do poder” do Brasil. É um retrato político perfeito dessa época, mas, infelizmente, não alcança o que vivemos agora, com os novos donos do poder confortavelmente instalados no Supremo Tribunal Federal. Eles, sim, são os donos do Poder no Brasil!

» **Cleide Nunes**

Vicente Pires

Lucidez e Sarney

Os deuses da energia e da lucidez saúdam os 96 anos de idade do ex-presidente José Sarney. Responsável, na chefia da nação, pela transição democrática. Homem telúrico, poeta, escritor lido e consagrado no mundo inteiro, o ex-senador, jornalista, ex-governador e ex-presidente do Congresso Nacional e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), o maranhense José Sarney é respeitado por todos os segmentos da sociedade e ainda encontra tempo para ser conselheiro de políticos famosos e consagrados. Entre eles, o presidente Lula. Nessa linha, analistas do primeiro time da política acreditam que, diante da confusa quadra brasileira, Lula precisa tirar um tempo para nova rodada de conversas com o experiente autor de *Marimbondos de fogo*.

» **Vicente Limongi Netto**

Asa Sul

Tráfego no DF

Dói perceber que, enquanto as famílias tentam manter os seus filhos longe das drogas, o tráfego no Distrito Federal opera como se fosse uma empresa moderna com insumos químicos, máquinas e logística. Tudo funcionando com uma eficiência que o Estado nunca teve para proteger quem mais precisa. A polícia desmonta a estrutura, mas amanhã outro laboratório pode surgir, porque a engrenagem criminosa é mais efetiva que qualquer política pública.

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

A basquetização do futebol

Ano basquete e futebol, meus esportes preferidos. Porém, uma intersecção dessas duas modalidades tem me causado incômodo. Estão trocando os pés pelas mãos em um movimento para dividir 90 minutos de bola rolando em quatro quartos. A Copa de 2026, no Canadá, nos Estados Unidos e no México, pode ser o marco dessa transformação. Ligas norte-americanas como a NBA, NFL, MLB e NHL amam intervalos. O mercado publicitário nem se fala! Sente o cheiro de dinheiro.

A paralisação do jogo nos é vendida como “pausa para hidratação”. Quem sou eu para dizer que não é necessária! Jogadores e técnicos, sim, têm lugar de fala. A minha crítica é quanto ao oportunismo. A preocupação é mesmo com a saúde, a integridade física dos jogadores; ou a indústria do futebol usará a Copa em uma temperatura extrema no verão da América do Norte para convencer o fã do futebol de que o intervalo de três minutos tem que fazer parte do jogo independentemente do termômetro em troca de espaço publicitário?

Em novembro de 2012, publiquei uma matéria no **Correio** sobre a pausa para hidratação na Copa de 2014 em um Brasil de dimensões continentais, com jogos no inverno rigoroso de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba; e calor extremo em Salvador, Fortaleza, Natal e Manaus. À época, a entidade máxima do futebol respondeu às minhas perguntas assim: “Foram aprovados (em 30/3/2012) intervalos para hidratação em jogos de competições da Fifa em condições quentes e úmidas acima de 31/32°C”. Chamo atenção para o detalhe de uma temperatura preestabelecida.

A Fifa acrescentou na resposta: “Mesmo antes da aprovação oficial pelo Comitê Executivo da Fifa, o intervalo para hidratação era uma prática adotada em todos os jogos quando a temperatura excedia os limites ideais para o corpo humano. A equipe médica da Fifa sempre monitora cuidadosamente todas as cidades durante qualquer competição da Fifa, com o objetivo de proteger a saúde dos jogadores. Se necessário e, como consta nos regulamentos da Fifa, o médico responsável pelo jogo e o comissário da partida podem pedir pausas para hidratação”. Corretíssimo!

A resposta da Fifa aos meus questionamentos acrescentou à época da reportagem. “O critério principal da equipe médica é baseado no Wet Bulb Globe Temperature (WBGT) e não somente na média geral de temperaturas. O WBGT é uma temperatura usada internacionalmente para estimar os efeitos da temperatura, umidade, velocidade do vento (sensação térmica) e radiação solar em humanos.”

A questão é que a pausa passou a ignorar o termômetro. Saiu do campo do “se necessário”. Virou moda independentemente do clima e divide opiniões. O técnico de Portugal, Roberto Martínez, acha que isso “vai mudar o jogo”. Rudi Garcia, da Bélgica, agradece. Mauricio Pochettino, dos EUA, odeia. Didier Deschamps resume o meu pensamento: “É bom para quem transmite, você tem o comercial”. Os jogos da Copa serão paralisados aos 22 minutos de cada tempo. A Fifa permitirá anúncios. A basquetização do futebol tem pressa.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS* SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Como podemos atrapalhar o caótico trânsito no Plano Piloto? Ah, vamos fazer manutenção no Buraco do Tatu durante a semana!

Andrea Moura — Brasília

Precisa de uma boa desculpa? Brasileiros cortam alimentos por causa do preço e o efeito Ozempic leva a fama.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Efeito das canetas emagrecedoras: 61% dos bares e restaurantes identificam redução no consumo. Ou você usa dinheiro para pagar as canetas ou usa para ir aos restaurantes e bares. Os dois não dá!

Fernanda B. Dassoler — Santa Catarina

A expectativa de sucesso na Copa é nula. Uma Seleção sem brio, sem garra, sem referência, e os jogos serão à noite. Será a pior Copa!

Paulo Gondim — Brasília

Brasília, sua linda!

Vendo as matérias sobre o aniversário de Brasília, me pego pensando na minha chegada ao DF, em 1974. Muitas experiências importantes que nunca poderia ter vivenciado se permanecesse no atualmente perigoso Rio de Janeiro: honras fúnebres do visionário criador de Brasília Juscelino Kubitschek; a visita do Sumo Pontífice a Brasília em 1980; o lamentável episódio que ficou conhecido como Badernaço; os concursos de Miss Brasília e Miss Brasil; as medidas de emergência; o movimento das Diretas Já; a promulgação da Constituição Cidadã; as inéditas campanhas pelo uso do cinto de segurança e do respeito à faixa de pedestres; as ações globais, a identificação infantil, visando oferecer maior tranquilidade aos pais nos grandes eventos, entre outros. Completando 52 anos aqui, me considero mais feliz sendo brasileiro do que carioca. Eu me surpreendo nos feriados, e com pouco movimento, passeando de carro pelos pontos turísticos de Brasília e me sentindo abençoado por Deus. Qual outra cidade no mundo tem todos esses expoentes tão próximos para conhecer? Todos os brasileiros deveriam conhecê-la, para valorizar, ainda mais, a nossa cidade e o nosso país. Enfim, agora eu posso dizer em alto e bom som: Brasília, sua linda!

» **João Coelho Vítola**

Asa Norte

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br